

Traduzindo clássicos: *Gefunden*, de Goethe - o trabalho do Barão de Paranapiacaba e sugestão de nova tradução

Mateus Duque Erthal*

Resumo: Neste trabalho pretende-se uma breve discussão a respeito das possibilidades e limitações da tradução poética e, principalmente, de como a tradução pode ser encarada como processo, desviando para este polo a atenção e importância geralmente dadas ao produto final. O exercício feito com a tradução do poema *Gefunden*, de Goethe, deve ser encarado como tal, ou seja, como um exercício de tradução, realizado em ambiente universitário, relativamente controlado, em que se prioriza a reflexão acadêmica.

Palavras-chave: Tradução poética (alemão-português); Goethe; Fidelidade *versus* liberdade na tradução; Processo tradutório.

Abstract: This article brings up a brief discussion about the possibilities and limitations of poetry translation, more specifically about how translation can be faced as process, by shifting to this aspect the attention and importance usually given to the final product. The exercise done with the translation of Goethe's poem *Gefunden* is to be taken into account as such, i. e., a translation exercise, conducted in a relatively controlled university environment, in which academic reflection is prioritized.

Keywords: Poetry translation (German-Portuguese); Goethe; Fidelity versus freedom in translating; Translation process.

* Aluno de graduação em Letras (Português e Alemão) da Universidade de São Paulo - USP. Email: mateus.erthal@usp.br.

Quando se fala em textos literários, estaria a criatividade restrita ao autor? Ou ainda, numa perspectiva borgeana, poderia apenas o leitor, individualmente, ser incluído nesse processo criativo? Coloca-se como algo interessante uma discussão a respeito das possibilidades criativas do tradutor de textos literários e de uma "liberdade" que, sim, caberia também a ele. Uma "desmistificação" do processo tradutório, especialmente de textos considerados "clássicos" e especialmente de lírica, poderia abrir novas possibilidades de criação aos tradutores. Para tal, seria talvez necessário garantir um ambiente relativamente "controlado" de tradução que proporcionasse uma visão mais detalhada do processo tradutório em si, acima do produto final, e é justamente esta a proposta do presente trabalho. Finalmente, tornaria-se possível uma reflexão sobre a dicotomia fidelidade *versus* liberdade em tradução, e sobre como o tradutor já deve estar "localizado" entre os dois polos desta dicotomia, antes mesmo de começar a traduzir.

Considerando-se as línguas-foco (Alemão e Português) e a natureza das discussões aqui pretendidas, foi escolhido para esta atividade de tradução um dos poemas daquele que é considerado um dos maiores escritores da história da literatura alemã. Johann Wolfgang von Goethe, nascido em Frankfurt am Main no dia 28 de Agosto de 1749, não foi apenas escritor, mas também pensador, filósofo, tradutor e cientista. Dedicou-se a diversos gêneros: romances, peças de teatro, poemas, escritos autobiográficos, reflexões teóricas nas áreas de arte, literatura e ciências naturais, cartas. Sua correspondência epistolar com pensadores e personalidades da época é, inclusive, grande fonte de pesquisa e análise de sua concepção da arte poética e de seu pensamento. Goethe é sem dúvida uma das mais importantes figuras de toda a História da literatura alemã e também do movimento Romântico europeu do fim do século XVIII e início do século XIX. Foi bastante influenciado pela filosofia de Johann Gottfried von Herder (1744 - 1803),

filósofo e escritor alemão, em especial pela proposta de "culto ao gênio" (SAFRANSKI 2010).

Os escritores alemães desta conjuntura buscavam, entre outros, a renovação de sua literatura por meio do retorno à natureza e à essência humana, defendendo "uma poesia mística, selvagem, espontânea, quase primitiva, valorizando especialmente o efeito da emoção, imediato e poderoso, posto acima da razão" (SAFRANSKI 2010: 15, em N.T.).

Com efeito, em muitas obras daquele momento o meio natural aparecia como forma de sublimação dos desejos e sentimentos humanos, uma espécie de refúgio para esta essência da humanidade. Goethe por diversas vezes descreveu a relação do ser humano com a natureza, apontando a importância desta e o tipo de relação que se estabelece entre ambos:

Natureza! Somos circundados por ela e nela estamos entrelaçados - não nos é possível dela sair, e tampouco nela penetrar. Sem convite, e nem aviso, ela nos envolve em suas estações e segue conosco à deriva até que nos cansemos e nos deixemos cair em seus braços. Ela cria constantemente novas formas; o que é ainda nunca foi, e o que foi não o será novamente - tudo é novo e ainda assim sempre o antigo. Nós vivemos em seu seio e somos estranhos a ela. A natureza fala constantemente conosco sem contar-nos seu segredo. Nós nos opomos constantemente a ela e não temos, porém, nenhum poder sobre ela. (...) Os seres humanos estão todos na natureza, e ela está em todos. Ela trava jogos amigavelmente com todos, e torna-se cada vez mais feliz, quando dela se ganha. A natureza joga com muitos tão em segredo, que dá cabo ao jogo antes mesmo que se perceba. (GOETHE 1977a, minha tradução)¹

1 Texto em alemão: "Natur! Wir sind von ihr umgeben und umschlungen - unvernünftig aus ihr herauszutreten, und unvernünftig tiefer in sie hineinzukommen. Ungebeten und ungewarnt nimmt sie uns in den Kreislauf ihres Tages auf und treibt sich mit uns fort, bis wir ermüdet sind und ihrem Arme entfallen. Sie schafft ewig neue Gestalten, was da ist, war noch nie, was war, kommt nicht wieder - alles ist neu, und doch immer das Alte. Wir leben mitten in ihr und sind ihr fremde. Sie spricht unaufhörlich mit uns und verrät uns ihr Geheimnis nicht. Wir wirken ständig auf sie und haben doch keine Gewalt über sie. (...) Die Menschen sind all in ihr und sie in allen. Mit allen treibt sie ein freundliches Spiel, und freut sich, je mehr man ihr abgewinnt. Sie treibt mit vielen so im verborgenen, dass sie zu Ende spielt, ehe sie merken."

Goethe defendia que a poesia aponta os segredos da natureza e procura, por meio de imagens, revelá-los (GOETHE 2008. Fragmento 904.). E é esta natureza, com efeito, o tema das imagens do poema *Gefunden*, de 1813.

Gefunden

(Wolfgang von Goethe)

Ich ging im Walde
So für mich hin,
Und nichts zu suchen,
Das war mein Sinn.

Im Schatten sah ich
Ein Blümchen stehn,
Wie Sterne leuchtend,
Wie Äuglein schön.

Ich wollt es brechen,
Da sagt es fein:
Soll ich zum Welken
Gebrochen sein?

Ich grub's mit allen
Den Würzlein aus.
Zum Garten trug ich's
Am hübschen Haus.

Und pflanzt es wieder
Am stillen Ort;
Nun zweigt es immer
Und blüht so fort.

(GOETHE 1977b)

Nele, há um eu-lírico que caminha por um bosque, sem expectativas ou intenções, e que se depara com uma linda flor, que o olha com olhos brilhantes como as estrelas. Quando o "eu" se debruça para colhê-la, a flor o convence de que, se quebrada ao meio, em seu caule, viria a morrer. Qual, então, seria a sua serventia? O "eu" resolve, assim, recolher todas as raízes da pequena flor para replantá-la no jardim de sua casa, onde poderia crescer e continuar a florescer.

Em relação à linguagem, o que se percebe em *Gefunden* é que esta flui sem floreios, de forma direta, e a escolha lexical é baseada na simplicidade, mesmo considerando a leitura de um falante não-nativo. As imagens são relativamente singelas e remetem a referentes cotidianos. As rimas são feitas aos pares - versos 2 e 4 de cada estrofe. Também o ritmo é regular, quase como uma canção. O sentimento geral é de um poema de amor, uma serenata, ou ainda uma cantiga infantil.

O poema foi escrito em ocasião do aniversário de vinte e cinco anos do primeiro encontro de Goethe e Christiane, sua amada, quando esta ainda estava viva (EIBL 1998). *Gefunden*, porém, pode ser também considerado uma alegoria para a concepção do processo tradutório para Goethe. A obra de arte floresce em seu contexto original, tem seu brilho na língua de partida. O tradutor apressado que deseja simplesmente arrancar, sem cuidados, a obra de seu contexto linguístico, corre o sério risco de destruir sua essência e sua finalidade.

Uma das traduções disponíveis de *Gefunden* para o português, a que aqui se deseja brevemente analisar, é a feita por João Cardoso de Meneses e Sousa (25 de abril de 1827 - 2 de fevereiro de 1915), poeta, jornalista, advogado, tradutor, professor e político brasileiro. Recebeu, por Decreto Imperial de 8 de maio de 1883, o título de Barão de Paranapiacaba, nome com o qual assina sua tradução do poema em questão.

Achado (Trad. do Barão de Paranapiacaba)

Fui numa dessas florestas
Distrair meus breves ócios,
Dando pausa ao pensamento
E pleno olvido aos negócios.

Com céspides e raízes
Tirei-a logo da leira,
E ao jardim do palacete
Levei-a co'a própria seiva.

E vejo num canto, à sombra,
Pequena flor vicejante
A fulgir qual viva estrela
Ou como olhar cintilante.

E num sítio bem tranquilo
Replantei-a incontinenti
- Ali, viçosa, pulula
Cada vez mais florescente.

Indo eu colhê-la, a florzinha
Diz-me assim, com doce voz:
"Por que me apanhas, se é força
Que emurcheça logo após?

(CAMPOS 1960)

A respeito da obra do Barão de Paranapiacaba como poeta, diz Péricles Eugênio da Silva Ramos:

Mesmo que não tenha, pois, mérito primacial, a poesia do Barão de Paranapiacaba, do tempo em que ainda não era Barão, mas apenas João Cardoso de Meneses e Sousa, ou resumidamente João Cardoso, como lhe simplificavam por vezes o nome, não deixa de interessar à história literária, como documento capaz de esclarecer determinados pontos de nosso Romantismo, então a se formar. (...) João Cardoso foi dos primeiros cultores de nossa poesia "americana" ou indianista; um dos primeiros byronianos de São Paulo (...); finalmente, urna influência incontestável, tanto no ramo elegíaco, como no indianista (talvez ainda no de sua poesia bíblica) e, também, um elo na formação dos poetas românticos da segunda geração, a patentear, em sua linguagem, o influxo de Firmino Rodrigues Silva e de Joaquim Norberto. Teve, assim, "alguma vibração original na quadra juvenil", mas depois se tornou, como bem percebeu Antonio Cândido, "um poeta árido e rotineiro". (RAMOS 1945)

Nesta tradução, percebe-se uma preocupação com a forma, feita a princípio para mimetizar a intenção do autor de *Gefunden*. As rimas são feitas aos pares, nos versos 2 e 4 de cada estrofe. A métrica é também regular (redondilhas maiores, sete sílabas poéticas), mas, por se tratar de medida clássica, isso traz ao poema uma certa solenidade, que não necessariamente está presente no poema em alemão. O tema também segue o original, não há variações significativas na "fábula" contada.

No entanto, a tradução feita pelo Barão é extremamente datada, ao contrário do que se poderia dizer do poema de Goethe, este sim com tendências opostas à restrição espaço-temporal, ou à particularidade. Além do ar solene, já mencionado, o léxico em *Achado* é rebuscado e antiquado para um leitor do século XXI, e há grande recorrência de inversões e forte preocupação com a formalidade, com a cerimônia. Estaria, assim, de acordo com uma concepção de poesia como algo "sublime", quase hermético, destinado a poucos. *Gefunden*, ao contrário, pode ser lido como algo acessível, simples, sem afetação, e justamente essas características são as que levariam o poema a ser, até hoje, considerado um "clássico", estando garantida sua longevidade.

Assim, percebe-se na tradução aqui discutida certa tendência a afastar-se do sentimento de simplicidade que se tem ao ler o texto em alemão, já que esta simplicidade não condizia com a própria concepção poética de grande parte dos poetas contemporâneos ao Barão. Seja o tema relacionado ao amor, à questão existencial de respeito à vida ou mesmo a uma alegoria do processo - e à arte - de tradução, este não é tratado de forma despretensiosa, acessível, afastando portanto o poema de um caráter mais "universalista".

AZENHA (2010), em seu artigo "Do silêncio à eloquência: poesia alemã traduzida no Brasil", levanta algumas questões a respeito da coletânea de poemas e respectivas traduções, organizada por Geir Campos, da qual foi retirado o texto em português do Barão de Paranapiacaba aqui apresentado. A referida antologia inclui poemas alemães de um período de quase cinco séculos, bem como traduções feitas em um espaço de tempo de cerca de cem anos, muitas feitas a partir de outra tradução, para outra língua, como referência. Diz o autor, em relação aos objetivos gerais da coletânea e ao efeito decorrente da leitura de gama tão díspar de traduções:

(...) à recuperação, ao que tudo indica, inalterada do passado, soma-se uma atualização, em decorrência da qual passam a conviver, numa mesma obra, não apenas traduções indiretas e diretas, trianguladas e não trianguladas, mas também diferentes concepções de tradução motivadas por pressupostos diversos ao longo de uma linha de tempo que abrange mais de um século. (AZENHA 2010: 77)

De acordo com o próprio Geir Campos, no prólogo de sua antologia, nem sempre a "fidelidade no traduzir" recebeu a mesma atenção ao longo do tempo, ou mesmo foi algo de extrema relevância aos tradutores, o que pode ser especialmente observado nas traduções mais antigas por ele selecionadas (apud AZENHA, 2010). Em tempo, para LARANJEIRA (2003) há quatro tipos de fidelidade a considerar quando se trata de tradução poética: a fidelidade semântica, a linguístico-estrutural, a retórico-formal e a semiótico-textual. Somente se respeitadas as quatro fidelidades, em especial a última, um

poema pode ser efetivamente considerado uma tradução homogênea de um outro, o da língua de partida.

A questão, no entanto, não só a respeito do grau de fidelidade "necessário" ao traduzir, mas também a respeito de *a que* exatamente o tradutor deve se manter fiel, tem movido discussões de tradutores e poetas há muito tempo. O que deveria ser preservado? Existiria uma "essência" de um poema? E, finalmente: seria realmente possível a transposição desta essência de uma língua para outra? O que pode ser dito é que há, sim, diversas leituras possíveis de uma determinada obra. Cada época, cada grupo social - e, no limite, cada indivíduo - "seleciona" aspectos de determinada obra que venham a justificar a leitura que carrega maior efeito, naquele contexto. Essas leituras específicas, podem, sim, ser recuperadas em um processo de tradução, ou seja, torna-se possível a transposição, de uma língua para outra, de uma determinada leitura feita de uma obra de arte.

Esta não é, contudo, tarefa fácil, mas o tradutor pode se valer de certos pontos de apoio para garantir a tradutibilidade de uma obra. Para LARANJEIRA (2003: 18), "cada língua, produto e veículo de uma cultura, mantém dela as especificidades". Acrescenta, porém:

(...) em que pesem as especificidades sócio-culturais, permanecem em grande porcentagem os universais antropológicos, biológicos, sociológicos, culturais e linguísticos que têm servido e sempre servirão de ponte para que o tradutor possa vencer os fossos de intradutibilidade que, aqui e ali, se interpõem à sua tarefa. (LARANJEIRA 2003: 19)

Além disso, é importante ressaltar que o que poderia ser considerada uma especificidade de determinada língua nem sempre é algo comum a todos os seus falantes. Há níveis de experiência de mundo diferentes para falantes de uma mesma língua, mesmo que estes falantes estejam em um mesmo grupo linguístico. Mesmo assim, podem ser estabelecidos parâmetros

relativamente comuns a falantes de línguas distintas, e estas questões devem ser sempre levadas em consideração no ato tradutório.

Feita esta consideração em relação a alguns parâmetros-base do processo de tradução, cabem alguns comentários a respeito da relação sentido-efeito: a transposição de uma obra literária a uma outra língua é feita, idealmente, com cuidado tal que se conserve não só um determinado conteúdo, fruto de uma determinada leitura, mas também o efeito que esta obra causa em um leitor na língua de partida. As peculiaridades linguísticas são, sim, importantes, sobretudo quando se trata de tradução poética, já que neste caso a importância da forma na construção do significado da obra é mais evidente. Vale lembrar que, de acordo com MILTON (1993: 15), apesar das dificuldades enfrentadas com a tradução poética, ou talvez exatamente por isso, a grande maioria de tudo o que se escreveu sobre o ato tradutório se refere justamente à poesia. Para HUMBOLDT (2010: 107):

(...) a tradução, sobretudo a dos poetas, é uma das tarefas mais necessárias dentro de uma literatura: em parte para fornecer àqueles que não conhecem a língua, formas da arte e da humanidade que de outro modo lhes permaneceriam desconhecidas e pelas quais toda nação obtém ganhos significativos, mas em parte também - e sobretudo - para aumentar a importância e capacidade expressiva da própria língua.

Porém, estas peculiaridades linguísticas não devem limitar o trabalho de tradução. As características linguístico-estruturais de uma língua reverberam na significação de um poema que a tem como código, mas muitas vezes a transposição simples desse poder significativo é tarefa árdua, quase impossível.

Além da forma, Laranjeira aponta que traduzir poesia é também "ir além da tradução do sentido; é traduzir a significância":

É esse processo global de geração de sentidos existentes no poema de partida, a sua significância, que cabe ao tradutor trabalhar no ato tradutório de maneira a obter na língua-cultura de chegada, não o mesmo fundo revestido da mesma forma - o que, por definição, é impossível -, mas uma interação semelhante de significantes capaz de gerar semelhantemente a significância do poema-tradução. (LARANJEIRA 1990: 69)

Para ROMANO-SUED (1995), os termos do binário forma-conteúdo têm sido tradicionalmente considerados como separados, independentes, quando se trata de tradução. A forma, no plano da expressão, foi muitas vezes tomada como "aspecto acessório e ornamental", privilegiando-se assim, no ato tradutório, o conteúdo, e negligenciando-se uma série de elementos importantes à constituição da significância do poema, tais como rima, métrica, distribuição em estrofes, assonâncias, aliterações e traços de fonomorfossintaxe (ROMANO-SUED 1995: 19, minha tradução).

De acordo com MONTEIRO (2010), os tradutores alemães, desde a época do Romantismo, tomaram logo claramente o partido do modo de traduzir que aproximasse a língua alvo da língua original. Para o próprio Goethe, a tradução ideal é a que se identifica com a ideia do original, a "ponto de significar não em vez dele, mas no lugar dele" (apud MONTEIRO, 2010). Além disso, "uma tradução que tenda a identificar-se com o original", em que se atenha à transposição do conteúdo, "acaba por aproximar-se da versão entrelinhar e facilita muito a compreensão do texto" (id., *ibid.*), perdendo-se, assim, a essência e, até, finalidade. Humboldt reforça que a fidelidade do tradutor deveria ser dirigida ao "verdadeiro caráter do original":

Destrói-se toda tradução e toda sua utilidade para a língua e a nação, quando, por um temor que beira a aversão pelo insólito, se chega ao ponto de pretender evitar também o próprio estranho; da mesma forma com que por certo é frequente se ouvir dizer que o tradutor deveria escrever como o autor original teria escrito na língua do tradutor (...). (HUMBOLDT 2010: 111)

De qualquer forma, e voltando à tradução do Barão de Paranapiacaba, fica uma certa impressão de que algo relevante à significância de *Gefunden*, de Goethe, possa ter sido "negligenciado", uma vez que a concepção de poesia necessariamente "elevada" e o apelo a aspectos formais, muito em voga na época em que o poema foi traduzido, foram tomados como princípio norteadores durante o processo tradutório. Seja este fato devido a uma série de filtros da língua de chegada (português) ou sejam esses filtros os de uma concepção distinta da arte poética (ou tradutória) em si, o que se pode afirmar é que aqui, sim, estaria justificada a necessidade de uma nova tradução, voltada a um público contemporâneo que desejasse recuperar umas das possibilidades de leitura do poema *Gefunden*, revitalizando-o.

Uma nova tradução deve ser proposta levando-se sempre em consideração os trabalhos de predecessores, em especial quando se trata de uma tradução de "clássicos", ou "cânones". A respeito da tradução de textos considerados "clássicos", disse Katharina TEUTSCH (2010) que sempre junto à apropriação de obras-primas estaria "algo de esquizofrênico": "O tradutor se digladiava com sua própria postura, que oscila entre submissão e imposição. Contudo, ele luta não apenas no front do original. No caso da tradução de clássicos, ele deve debruçar-se, além disso, sobre o trabalho de seus predecessores."³

Em busca simples pela internet, percebe-se que várias são as traduções de *Gefunden*, para as mais diferentes línguas. Isso já era de se esperar, já que se trata de um clássico da chamada *Weltliteratur*, sendo considerados autor e obra parte fundamental do tesouro desta "literatura mundial". Nas traduções de *Gefunden* disponíveis (algumas foram aqui acrescentadas, no Anexo I), em geral se percebe algo próximo à transposição literal. Não há preocupação

3 Em entrevista ao periódico Fachdienst Germanistik sobre o Dia do Tradutor de 2010, evento organizado pelo Fundo Alemão de Apoio aos Tradutores na sede do LCB (Literarische Colloquium Berlin). Referência: TEUTSCH, Katharina. *Klassiker Übersetzen*, In: *Nachrichten - Berichte - Kommentare*. Fachdienst Germanistik 06/2010. Tradução minha.

formal (métrica irregular, ausência de rimas), mas o conteúdo é razoavelmente preservado. O vocabulário, além disso, é simples, direto e até prosaico, aproximando-se de *Gefunden*.

Há disponível, também, uma outra tradução para o Português, de autoria de Aristides da Silveira (também disponível no Anexo I). Nela, sim, há preocupação com questões formais - os versos são regulares, a métrica clássica, todos com quatro sílabas poéticas, acento constante, as rimas acompanham o padrão do poema original (versos 2 e 4 de cada estrofe), por exemplo - e um certo rebuscamento lexical, o que mais uma vez tenderia a afastar o leitor do sentimento de acessibilidade e "generalidade", o do singelo, que se tem ao ler *Gefunden*.

Mas como aliar, finalmente, em uma nova tradução ao português as questões formais, a escolha lexical simples e o sentimento generalizante de uma poesia como *Gefunden*? Como trazer simplicidade e "universalidade" a um poema que trata de complexas questões metafísicas, da vida e da morte, do amor e do cuidado, da questão de contexto e pertinência? A resposta a ser usada como norteadora deste movimento retrospectivo à "essência" do poema poderia estar na associação, feita muitas vezes inclusive por Goethe e seus contemporâneos, entre esta simplicidade e a infância.

Certa vez, Goethe comentou sobre esta:

As pessoas imaginam que precisamos de chegar a velhos para ficarmos sábios, mas, na verdade, à medida que os anos avançam, é difícil mantermo-nos tão sábios como éramos. De fato, o homem torna-se um ser distinto em diferentes etapas da vida. Mas ele não pode dizer que se tornou melhor, e, em alguns aspectos, é igualmente provável que ele esteja certo aos vinte ou aos sessenta. Vemos o mundo de um modo a partir da planície, de outro a partir do topo de uma escarpa, e de outro ainda dos flancos de uma cordilheira. De alguns desses pontos podemos ver uma porção maior do mundo que de outros, mas isso é tudo. Não se pode dizer que vemos de modo mais verdadeiro de um desses pontos que dos restantes. (GOETHE 1950)

Disse, ainda: "Quando ficamos velhos, devemos fazer mais daquilo que fazíamos na juventude."⁴ (GOETHE 2008. Fragmento 1329, minha tradução.). Levando-se em consideração a aptidão (atávica?) das crianças de, com simplicidade por vezes impressionante, formular questões altamente complexas e criar imagens e metáforas extremamente agudas, pensou-se em associar o conteúdo de *Gefunden* a uma métrica que remetesse a este universo infantil: as cirandas, ou cantigas de roda.

Além da ideia de infância, o uso deste formato ainda se justifica por despertar sentimentos específicos no imaginário de qualquer brasileiro, de algo ritmado, lúdico. Além disso, pode-se aproveitar da característica de anonimato das cantigas de roda para que se saia do particular, aproximando o tema de algo do consciente coletivo.

Vale observar, antes que se parta para a tradução em si, que se deseja aqui ilustrar algo além do **produto** da tradução em si, mas sim o **processo** de tradução deste poema para o português. Como diz GOETHE (2008. Fragmento 756, tradução e grifos meus):⁵

O **quê** da obra de arte interessa mais aos homens do que o **como**, porque podem apreender o primeiro isoladamente, e o segundo não se deixa captar em sua totalidade. (...)

Fazendo uma rápida analogia com a arte pictórica, por exemplo, o interesse pelo "quê" da obra seria aquele simplesmente pelo produto final, neste caso pelo quadro pronto e já em exibição. A obra "completa", afinal, estaria ali, ao alcance dos olhos, e o observador poderia empreender sua busca por cada detalhe, cada nuance, cada cor, cada jogo de sombras usado pelo artista. Por outro lado, quando se considera o processo de confecção de

4 "Wenn man alt ist, muss man mehr tun, als da man jung war."

5 "Das *Was* des Kunstwerks interessiert die Menschen mehr als das *Wie*; jenes können sie einzeln ergreifen, dieses im Ganzen nicht fassen. (...)"

uma obra de arte como parte constituinte de sua significância final, entra-se no domínio do "como". Neste caso, o observador da obra de arte deveria ter acesso a cada uma das demãos de tinta, a cada momento em que o modelo, por exemplo, esteve presente no ateliê do artista, a cada hesitação, retoque, opção feita. Em tempo: neste "como" poderiam figurar, ainda, a concepção artística do pintor, as imagens evocadas em sua mente durante o processo de pintura, os primeiros esboços, rascunhos... Isso seria praticamente impossível.

Com efeito, nem todos os passos e nem todas as associações e possibilidades levantadas durante o processo de retradução de *Gefunden*, de Goethe, estão aqui expressas. Alguns dos passos mais importantes, contudo, são apresentados na tabela a seguir (Tabela I).

A tradução foi feita de estrofe a estrofe. Na verdade, quando se deseja apoiar-se na significância geral do poema como base para o ato tradutório, deve-se, como também defende LARANJEIRA (1990: 70), tomar todo o poema, este como unidade única de sentido. Porém, optou-se aqui pela demonstração, como dito, estrofe a estrofe, para que se tenha uma ideia um pouco mais precisa do processo de tradução.

Assim, a cada estrofe associou-se um número (1-5). As versões são apresentadas em sequência, havendo variação, de uma para outra, ora de toda a estrofe, ora de um verso, apenas. Quando, além disso, houve variações sucessivas para um verso específico, este foi destacado (quarto verso das estrofes 2 e 4). Optou-se por uma tradução com 5 estrofes de 4 versos, como em *Gefunden*, e por rimas também entre os versos 2 e 4 de cada uma delas. A métrica escolhida é a de sete sílabas poéticas.

Erthal, Mateus Duque - Traduzindo clássicos: *Gefunden*, de Goethe -
o trabalho do Barão de Paranapiacaba e sugestão de nova tradução

Estrofe	Alemão	Versão	Português	Comentários
0. Título	Gefunden	0.1	Achado	
1.	Ich ging im Walde So für mich hin, Und nichts zu suchen, Das war mein Sinn.	1.1	Pelo bosque, pelo bosque, Eu me pus a caminhar, Tranquilo, quieto e contente, E com nada a me preocupar.	O primeiro verso, em repetição, pretendia mimetizar a estrutura clássica das cantigas de roda.
		1.2	Pelo bosque, pelo bosque, Eu andava, assim comigo, Tranquilo, quieto e contente, O pensar, meu melhor amigo.	Nesta passagem, tentou-se recuperar a ideia de introspecção contida em " <i>So für mich hin</i> ".
		1.3	Eu andava pelo bosque, Sempre assim, de bem comigo, E por nada procurava, Nem caminho, nem sentido.	Aqui, pretendia-se recuperar uma certa positividade da estrofe, uma completude e autosuficiência do "eu" que pode ser considerada parte importante à interpretação do poema.
2.	Im Schatten sah ich Ein Blümchen stehn, Wie Sterne leuchtend, Wie Äuglein schön.	2.1	Quando à sombra então eu vi Como estrelas a brilhar A florzinha, ó que linda, Atraindo meu olhar.	Neste caso, resgatou-se a ideia de "olhinhos" no verbo "olhar", apesar da transferência de foco da "flor" para o "eu".
		2.2	Quando à sombra então eu vi Como estrelas a brilhar Uma pequenina flor, Atraindo meu olhar.	Nesta passagem, o exercício foi o de retirar o tom solene (e talvez ultrapassado) que a interjeição poderia trazer à estrofe.
		2.3 (v4)	<i>Atraindo meu olhar.</i> Que me cativou o olhar. Com seus olhos a mirar. Cativante, aquele olhar.	Aqui, algumas das opções para o último verso, incluindo possibilidades em que os olhos fizessem referência à flor. A escolha foi feita por questões de ritmo, evitando cesuras e fortes aliterações.
3.	Ich wollt es brechen, Da sagt es fein:	3.1	Partindo-lhe então a haste Eu queria arrancar A florzinha, que me disse:	A ideia de "haste" foi transferida da fala da flor para a do "eu".

	Soll ich zum Welken Gebrochen sein?		Vale a pena me matar?	
		3.2	Quando então eu quis colhê-la Diz-me ela, a voz fina: Por que quebrar a minha haste? Minha vida assim termina!	Transferiu-se a questão da "haste" para o discurso suplicante da flor. Além disso, algumas imagens, como a fragilidade da flor, foram resgatadas.
		3.3	Quando então eu quis colhê-la Diz-me ela, doce e fina, Por que quebrar a minha haste? Minha vida assim termina!	Mais uma tentativa de aprimorar a construção da imagem da flor.
		3.4	Quando então eu quis colhê-la Diz-me ela, doce e fina: Mas por que quebrar-me a haste? Minha vida assim termina!	Neste caso, mudou-se o verso por questões de ritmo.
		3.5	Quando então eu quis colhê-la Me diz ela, doce e fina: Mas por que quebrar-me a haste? Minha vida assim termina!	Ainda levando em consideração a questão da simplicidade, optou-se por colocação pronominal mais idiomática (português brasileiro).
4.	Ich grub's mit allen Den Würzlein aus. Zum Garten trug ich's Am hübschen Haus.	4.1	Com as raízes inteirinhas Eu a retirei do chão. Para casa eu a levei, Plantei ali, junto ao portão.	O diminutivo de "raízes", presente no alemão, foi resgatado em "inteirinhas". Aqui não estão presentes as imagens de "lar", nem "jardim".
		4.2	Com as raízes inteirinhas Tive cuidado em arrancar A florzinha, que plantei No jardinzinho do meu lar.	Ambas as imagens ("lar" e "jardim") foram acrescentadas.
		4.3 (v4)	<i>No jardinzinho do meu lar.</i> No jardim daquele lar. No jardim, do meu lugar. No jardim de um lindo lar.	Opções intermediárias para o último verso.
		4.4	Com raízes inteirinhas Tive cuidado em arrancar A plantinha, que levei Ao jardim de um lindo lar.	O verbo "plantar" teve seu significado transferido para o substantivo "plantinha", em substituição a "florzinha". A opção pelo último verso foi

				feita para evitar-se o "eco" do sufixo diminutivo.
		4.5	Com raízes inteirinhas Eu me pus a arrancar A plantinha, que levei Ao jardim de um lindo lar.	Verso modificado por questões de ritmo.
5.	Und pflanzt es wieder Am stillen Ort; Nun zweigt es immer Und blüht so fort.	5.1	Em plantá-la novamente Num lugar assim tranquilo, Cresceram-lhe então os ramos E flores, que lindo aquilo!	O importante aqui seria presentificar a ação da flor, o que deveria estar expresso nos tempos verbais escolhidos.
		5.2	Em plantá-la novamente Num lugar tão sossegado, Cresceram-lhe novos ramos E flores, pra todo lado.	Opção de "sossegado" em lugar de "tranquilo" (<i>still</i>), permitindo maior liberdade no último verso (rima). Foi feito ajuste de ritmo no terceiro verso, além disso.
		5.3	Em plantá-la novamente Num lugar tão sossegado, Ali crescem novos ramos E há flor pra todo lado.	Aqui foram feitos ajustes para que uma cesura no último verso (v 5.2) não prejudicasse a fluidez da estrofe final.

Tabela 1: Passos selecionados do processo de tradução.

Tradução escolhida:

Achado

Eu andava pelo bosque,
Sempre assim, de bem comigo,
E por nada procurava,
Nem caminho, nem sentido.

Quando à sombra então eu vi
Como estrelas a brilhar
Uma pequenina flor.
Cativante, aquele olhar.

Quando então eu quis colhê-la
Me diz ela, doce e fina:
Mas por que quebrar-me a haste?
Minha vida assim termina!

Com raízes inteirinhas
Eu me pus a arrancar
A plantinha, que levei
Ao jardim de um lindo lar.

Em plantá-la novamente
Num lugar tão sossegado,
Ali crescem novos ramos
E há flor pra todo lado.

O objetivo deste trabalho de tradução, é importante ressaltar, não é o de propor uma "tradução definitiva" do poema *Gefunden*, de Goethe, pelo contrário. A apresentação de alguns passos e opções na Tabela I abre, inclusive, a possibilidade de que outras combinações sejam feitas, a gosto do leitor.

Todo poema está aberto a infinitas leituras e interpretações, e é esta pluralidade que, muitas vezes, o define como verdadeira obra de arte. Pretendia-se, aqui, abordar alguns aspectos de um poema considerado "clássico", destacando seu caráter atemporal e a presença de temas "universalistas", tais como a relação do homem com a infância, com a vida e com a natureza.

Nenhuma leitura é isenta, sempre há ancoragem cultural e no tempo. As concepções poéticas de sua época, por exemplo, determinam as posturas do tradutor em relação ao texto que se propõe a traduzir, como o que se percebe na tradução de *Gefunden* feita pelo Barão de Paranapiacaba. Mas mesmo no caso da tradução cujo processo tradutório buscou-se apresentar aqui, o recorte de questões temáticas a serem abordadas reflete a contemporaneidade: infância e meio ambiente são temas caros ao homem deste tempo. Além disso, em meio a uma sociedade que busca formas cada vez mais concretas e satisfatórias de convívio com o "outro", parece adequado o apelo à simplicidade poética, como forma de garantir a acessibilidade a poemas cuja longevidade vale a pena cultivar.

Um dos pontos fundamentais a serem destacados neste trabalho é o da possibilidade criativa do tradutor. Este possui liberdade para recriar uma trajetória de significância que chegue ao poema "original", na língua de partida, e que o busque no tempo, recontextualizando-o, trazendo a ele luz e força, possibilitando, então, novas e novas leituras, que contribuem, juntamente à forma e ao conteúdo de um poema, para a construção de sua significância.

Referências bibliográficas

- CAMPOS, Geir (org.). *Poesia alemã traduzida no Brasil*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura / Serviço de Documentação, 1960.
- EIBL, Karl (org.). *Gedichte / Johann Wolfgang Goethe*. Frankfurt am Main: Deutscher Klassiker Verlag, 1998.
- GOETHE, Johann Wolfgang von. *A idade não nos torna mais sábios*. In: ECKERMAN, Johann Peter. *Conversações com Goethe*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongett, 1950.
- _____. *Die Schriften zur Naturwissenschaft - Auswahl*. Leipzig: Reclam, 1977a.
- _____. *Sämtliche Werke*. Zurique: Artemis / dtv, v. I, 1977b.
- _____. *Maximen und Reflexionen*. Köln: Anaconda, 2008.
- HUMBOLDT, Wilhelm von. Introdução a Agamênon. In: HEIDERMAN, Werner. *Antologia Bilingue - Clássicos da Teoria da Tradução (Alemão-Português)*. Florianópolis: UFSC, v. I, 2010.
- LARANJEIRA, Mário. A Tradução Poética: teoria e prática. In: *Trab. Ling. Apl.*, Campinas (16): 67-74. jul./dez 1990.
- _____. *A poética da tradução - do sentido à significância*. Criação e Crítica, v. 12. São Paulo: Edusp, 2003.
- MILTON, John. *O poder da tradução*. São Paulo: Ars Poética, 1993.
- MONTEIRO, Francisco César Manhães. *Da superação do empirismo às teorias modernas*. Disponível em: <<http://boletim.tradutoria.com/2010/04/05/a-traducao-e-a-teoria-iii/>>. (03/11/2010).
- RAMOS, Péricles Eugênio da Silva (org.). *Poesias Escolhidas de João Cardoso de Meneses e Sousa (Barão de Paranapiacaba)*. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura - Comissão de Literatura; Imprensa Oficial do Estado, 1945.
- ROMANO-SUED, Susana. *La Diáspora de la Escritura - Una poética de la Traducción Poética*. Córdoba: Alfa, 1995.
- SAFRANSKI, Rüdiger. *Romantismo - uma questão alemã*. Trad. de Rita Rios. São Paulo: Estação Liberdade, 2010.

Anexo I:

Exemplos de traduções do poema *Gefunden*, de Goethe, para algumas línguas.⁶

Inglês: <i>Found (Trad. Hyde Flippo)</i>	Francês: <i>J'allais dans la forêt (Trad. Pierre Mathé)</i>	Italiano: <i>Il trovatello (Trad. Amelia Maria Imbarrato)</i>
I was walking in the woods Just on a whim of mine, And seeking nothing, That was my intention.	J'allais dans la forêt A ma guise, Je ne cherchais rien, C'était par plaisir.	Me ne andavo nel bosco da solo, e non cercavo nulla - così pensavo.
In the shade I saw A little flower standing Like stars glittering Like beautiful little eyes.	Dans l'ombre je vis Une petite fleur, Brillante comme une étoile, Belle comme les yeux.	Ma nell'ombra vidi un fiorellino, bello e lucente come lo sguardo d'una stella.
I wanted to pick it When it said delicately: Should I just to wilt Be picked?	Je voulais la cueillir, Alors elle dit doucement: "Devrais-je être cueillie Pour faner?".	Lo volli cogliere, ma disse con grazia: Per appassire devo essere raccolto?
I dug it out with all Its little roots. To the garden I carried it By the lovely house.	Je la déterrai avec toutes ses petites racines, Je l'emportai au jardin Près de la jolie maison	Lo presi con tutte le sue radici, me lo portai in giardino, in una graziosa casetta.
And replanted it In this quiet spot; Now it keeps branching out And blossoms ever forth.	Et je la replantai Dans un coin tranquille; Maintenant elle pousse toujours Et continue de fleurir.	E lo piantai in un luogo tranquillo; ecco che germoglia subito e fiorisce felice

6 As traduções para o inglês, o francês e o italiano foram encontradas no site
<<http://www.recmusic.org/lieder>>.

Anexo II:

Tradução para o português, de autoria de Aristides da Silveira:⁷

Achado (Trad. Aristides da Silveira)

Eu fui ao bosque
E, em tal ensejo,
Nada buscar
Foi o meu desejo.

Na sombra eu vi
Mimosa flor,
Qual bela estrela
Com seu fulgor.

Eu quis tirá-la,
Mas escutei:
Se me colheres,
Fenecerei.

Desenterrei-a
Com a raiz;
Trouxe-a ao jardim
Do lar feliz.

Cresceu de novo
No meu canteiro;
Floresce agora,
Como primeiro.

In: AZENHA JR, João. Tradução técnica e condicionantes culturais:
primeiros passos

7 Fonte: <http://almanaque.folha.uol.com.br/ilustrada_28ago1949.htm>